

## A REVISITAÇÃO DE TEXTOS MÍTICOS EM *FAMIGERADO* E *A BENFAZEJA* DE GUIMARÃES ROSA.

Yvonélio Nery Ferreira<sup>1</sup>

O mito – considerado por Eliade (1972: 12) uma “*história verdadeira*”, porque sempre se refere a realidades ... é o modelo exemplar de todas as atividades humanas significativas, além de possuir um caráter universal – é revisitado nas mais diferentes culturas, de acordo com as características da sociedade que o absorve, mostrando seu caráter popular e universal. Então, tem-se que a simbologia do mito adapta-se à sociedade na qual ele é revivido, de acordo com as particularidades do homem que o vive, referindo-se às suas experiências emocionais, intelectuais e corporais, passando de um caráter universal para regional, sempre de modo subjetivo.

É nessa perspectiva que a narrativa rosiana – carregada de elementos alegóricos, de significados ocultos, de uma simbologia densa, que possui um caráter metafísico e uma nova linguagem – pode ser considerada como uma narrativa mítica, instaurando uma realidade cuja escritura transporta um modo de ver o mundo, construindo um novo real sensível e ambíguo. É pensando no caráter mítico do discurso rosiano que se pretende analisar as narrativas curtas: *Famigerado* e *A benfazeja*<sup>2</sup> com base em aspectos já tratados pela Literatura Comparada e pela Análise do Discurso.

Essas narrativas, contidas na obra *Primeiras estórias* deixam antever uma possibilidade de ligação com o discurso mítico – que relata acontecimentos, ações e histórias dos deuses, relações estabelecidas entre estes e o mundo, explicando também as origens de elementos constituintes deste mundo – que, assim como o discurso literário, tem o caráter de suscitar a imaginação.

---

<sup>1</sup> Graduando em Letras pelo Instituto de Letras e Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia – MG.

<sup>2</sup> Contos retirados da obra: ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. Nova fronteira. Rio de Janeiro. 2001.

Vários estudiosos de mito, entre eles João Ribeiro (1992: 81), enuncia que ao revisitar o discurso mítico, o mito é retomado com uma nova roupagem, instaurando assim, um Tempo Sagrado e, simultaneamente, Profano<sup>3</sup> dentro do texto – entendendo-se por Tempo Sagrado, o momento das origens, onde se situam os acontecimentos míticos; já o Profano é histórico, cronológico e permanente, que vai sendo abolido na medida em que o ato mítico – momento de revisitação do ato original, primitivo – adquire uma certa realidade através da repetição dos gestos paradigmáticos, ou seja, aqueles gestos exemplares praticados na origem e que são reproduzidos no momento da revisitação do mito.

Nota-se então, que este caráter cíclico do mito, presente no cotidiano das culturas, faz notar-se também, em textos literários como em *Famigerado* e *A benfazeja*, nos quais se tem a revisitação do *Mito da Caverna* de Platão – diálogo contido no Livro VII de *A república*, que tem como debate: a quem deve ser confiada a direção do estado? E como ocorre a passagem da ignorância ao conhecimento, elemento fundamental da educação – notada de diferentes formas em cada conto.

Em *Famigerado* tem-se traços deste mito platônico presente nos sucessivos momentos de lucidez e “ignorância” de Damázio – personagem principal que sai da Serra do São ão, do lugarejo onde morava e vai até um arraial para saber de um moço “letrado”, o significado da palavra famigerado, a ele proferida por um “homem do governo”.

– “Saiba vosmecê que, na Serra, por o ultimamente, se compareceu um moço do governo, rapaz meio estrondoso... Saiba que estou com ele à revelia... Cá eu não quero questão

---

<sup>3</sup> Estes dois termos – Tempo Sagrado e Tempo Profano – aparecem com letra maiúscula, pois são expressões alegóricas que representam uma amplitude do conceito abordado.

*com o governo, não estou em saúde nem idade... O rapaz, muitos acham que ele é de seu trabalho tanto esmiolado...*

– “Vosmecê agora me faça a boa obra de querer me ensinar o que é mesmo que é: *fasmisgerado... faz-me-gerado... falmisgeraldo... famílias-gerado...?*” (Rosa: 2001:58,59)

Pode-se observar, neste episódio, um elemento ideológico expressando o poder que a palavra possui na relação interpessoal presente na várias vozes existentes no discurso, ou seja, nos diálogos que se deixam ver e entrever entre o Eu e o Outro – termos bakhtinianos que fazem parte de algumas teorias da Análise do Discurso. Damázio, intrigado com o adjetivo *famigerado*, designado a ele, se lança a um processo de desvelamento da ignorância, até a chegada ao esclarecimento, ao conhecimento, obtido através de uma pessoa que possuía a resposta para tal questão, o farmacêutico.

Para Damázio, não reconhecer o significado do adjetivo *famigerado*, simbolizava o não reconhecimento de sua identidade, ou seja, um não mais se afirmar em suas características de homem violento, bravo, fato este que retoma a relação existente entre o Eu e o Outro. O protagonista, ao se deparar com um signo e um conceito que não conhece, não consegue mais se reconhecer no Outro, ou no que este Outro designa ao comportamento, comprovando o que Bakhtin (1979:369) afirma: *O eu se esconde no outro e nos outros, quer ser unicamente outro para outros, entrar até o fim do mundo dos outros com um outro, libertar-se do peso do único eu no mundo (eu-para-mim)*, ou seja, a relação que o sujeito estabelece consigo mesmo. Logo, Damázio precisava da visão desse Outro para se conhecer.

O problema de incompreensão sobre o signo lingüístico proferido – que no dizer de Saussure (1999:80,81) *une um conceito e uma imagem acústica*, podendo ser substituídos *respectivamente por significado e significante* – leva o protagonista a incomodar-se com esta

situação de não conhecer o signo, o significante – imagem acústica, tida aqui como o adjetivo *famigerado* e o significado – sinônimo de conceito.

No que tange ao conceito de *famigerado*<sup>4</sup>, percebe-se uma disparidade entre o significado implícito neste adjetivo dito pelo “homem do governo” e aquele que o farmacêutico passa à Damázio.

O “homem do governo” dá a *famigerado* o significado de pessoa mal afamada – modo pelo qual as pessoas da Serra do São Âo e da vizinhança viam Damázio – conceito este, não acessível ao protagonista. Já o farmacêutico, a quem Damázio pede auxílio para reconhecer o conceito imprimido ao signo lingüístico *famigerado*, expõe o significado do adjetivo em sua forma primitiva, original: um homem famoso, célebre.

O farmacêutico, apesar de compreender o emprego e a situação escondida no adjetivo pronunciado pelo “homem do governo”, não desvela o mesmo significado, talvez por medo de uma vingança, ou represália que poderia ocorrer-lhe, provavelmente ainda devido a má fama de matador, “homem brabo” que o protagonista possuía. Portanto, e apesar disso, o farmacêutico passa o conceito (etimológico e dicionarizado) do adjetivo, levando Damázio à compreensão, ao esclarecimento, à luz.

Então, o farmacêutico pode ser considerado o portador da luz, ou seja, aquele que leva ao verdadeiro significado das idéias; e Damázio como o ser que foi liberto da escuridão da caverna, que alcançou a luz, o conhecimento de algo que o incomodava, mesmo que este conhecimento tenha sido apreendido de uma só forma, algo compreensível, pois segundo Geneviève Droz (1998: 76,77):

---

<sup>4</sup> Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa (1986: 478), *famigerado* significa homem célebre, notável, famoso; mas que com o tempo foi adquirindo um novo significado, o de homem mal afamado.

*– A passagem da ignorância ao conhecimento, objetivo essencial da educação, faz-se por patamares, e essa gradação pode ser expressa analogicamente pelo esquema da linha segmentada.*

*Assim, progressivamente, a inteligência irá, ao mesmo tempo, do mais ilusório para o mais real e do mais obscuro para o mais luminoso, sendo as Idéias, elas próprias, iluminadas pela fonte de toda luz, o Bem.*

Damázio, ao tomar conhecimento do que o adjetivo famigerado expressava – ainda que em apenas um de seus sentidos – começa a nortear-se perante a possibilidade de atingir e até mesmo ultrapassar um dos patamares do conhecimento, através da clarificação de suas dúvidas.

Quanto ao segundo conto a ser observado, nota-se um processo dialético entre os conceitos de Bem e Mal. Mula Marmela – protagonista da narrativa e centro do processo dialético – pode ser considerada, quando comparada às características que tangem ao herói tradicional, um anti-herói. A Benfazeja foge às regras do que se entende por herói, ela é *suja de si, feia, assassina*, dentre outras características que a torna o avesso do costumeiro herói romanesco. E é com base nestas características e no comportamento de Mula Marmela, que se pode inferí-la como uma representante do conceito de Bem, que segundo Abbagnano (1982: 102) é:

*Tudo o que possui valor, dignidade ... é também a beleza ou a dignidade ou a virtude humana ou uma ação virtuosa particular, um comportamento aprovável ... refere particularmente ao domínio da moralidade, isto é, dos “mores”, da conduta, dos comportamentos humanos intersubjetivos, e designa por isso o valor específico de tais comportamentos.*

O conceito de Bem se exemplifica no fato de Mula Marmela matar seu marido e, após algum tempo, seu enteado – o cego Retrupé. Esta ação da protagonista é desenvolvida em decorrência do caráter agressivo, tanto de “Mumbungo”, quanto de Retrupé. Nota-se ainda, além desse comportamento ofensivo de ambos, um procedimento demoníaco, quase vampiresco, que supõe, de forma velada, o canibalismo do marido da Benfazeja.

*O cego Retrupé era filho do finado dela, o “Mumbungo”, que a Mula Marmela assassinara.*

*Vocês sabem, o que foi há tantos anos. Esse Mumbungo era célebre cruel e iníquo, muito criminoso, homem de gostar do sabor de sangue, monstro de perversias. ... diziam-no maltratado do miolo. Era o punir de Deus, o avultado demo – o “cão”. Rosa (2001: 178, 179)*

Mula Marmela é considerada pelo narrador como a benfazeja, ou seja, aquela que pratica o bem e possui a qualidade humana da dignidade, da moral, apesar deste comportamento de Mula Marmela não ser compreendido pelos moradores do lugar.

A *benfazeja*, se comparada aos moradores do lugarejo, está em outro estágio de conhecimento e compreensão do mundo. Para os habitantes da cidade, os atos de Mula Marmela estão fora da realidade e da cultura em que eles estavam imersos, mesmo que os assassinatos, designados a ela, tivessem livrado tais moradores do mal de conviver com duas pessoas assustadoras, Retrupé e o marido da Benfazeja.

Nessa perspectiva, a noção de bem, praticada por Mula Marmela, torna seus atos puros, dando ao conto a característica daquilo que é, supostamente correto de acordo com os padrões de

comportamento que a *benfazeja* acreditava praticar, ou seja, ela agia dessa forma com o intuito de mostrar aos moradores do lugar que é possível reconhecer, respeitar e praticar o bem, assim como ela.

*No limite extremo da região do cognoscível está a idéia do bem, dificilmente perceptível, mas que, uma vez apreendida, impõe-nos de pronto a conclusão de que é a causa de tudo o que é belo e direito, a geratriz, no mundo visível, da luz e do senhor da luz, como no mundo inteligível é dominadora, fonte imediata da verdade e da inteligência, que precisará ser contemplada por quem quiser agir com sabedoria, tanto na vida pública quanto particular. Platão (1998:323)*

Mula Marmela, que está no mundo inteligível – o mundo das idéias puras, originais – exerce um comportamento que, se compreendido, pode levar o conhecimento aos moradores do lugarejo. Mas por essas pessoas por estarem em outro estágio de compreensão – ainda não aptos a entender como a Benfazeja se portava – não reconhecem o caráter purificador dos atos da protagonista. Essas pessoas, no que tange à alegoria da caverna, estão imersas na escuridão, na ignorância, ou seja, ainda não alcançaram o conhecimento e a capacidade de agir de forma a ajudar os outros:

Segundo Geneviève (1998: 78):

*Por estranhos que sejam, esses homens acorrentados são “a nossa imagem”, pois é do nosso mundo que se trata, e de nossa trágica condição. Um mundo artificial, feito de realidades que sequer conhecemos nelas mesmas, do qual só percebemos a aparência, a*

*sombra, o eco ou as miragens sempre cambiantes, fugazes e efêmeras, apenas verossímeis (que têm a aparência da verdade).*

É pensando nesta condição do homem – que não vê de forma clara o mundo que o cerca, falseando valores e comportamentos – que se nota no texto literário, assim como na realidade, o caráter trágico que envolve a humanidade. E assim como o *Mito da Caverna*, a tragédia se faz presente sendo algo comum às duas narrativas rosianas: *Famigerado* e *A benfazeja*, entendida, segundo Aristóteles (S/D: 250) como a *imitação de uma ação completa*, assim como, *também casos que suscitem o terror e a piedade*.

Em *Famigerado*, a tragédia é algo esperado através de uma suposta violência física que poderia ocorrer entre Damázio e o farmacêutico. Porém esta violência não acontece, pois o protagonista se satisfaz, se identifica e se reencontra nas características que o conceito do adjetivo famigerado, explicitado pelo farmacêutico, carrega: uma pessoa bem afamada, de respeito.

Em *A benfazeja*, nota-se que os atos de Mula Marmela suscitam o terror, mas não a piedade dos moradores do lugarejo, causando uma má interpretação de seu comportamento pelos mesmos. A disparidade de comportamentos e de culturas inerentes tanto a Mula Marmela quanto aos habitantes da vila leva à tragédia, que pode ser percebida através das relações dialógicas<sup>5</sup> – de compreensão e não compreensão de atos – estabelecidas entre os moradores do lugarejo e a protagonista, relações estas não decorrentes da troca verbal, mas comportamental.

---

<sup>5</sup> Essas relações dialógicas, referentes ao termo “Dialogismo”, podem ser entendidas, segundo Dominique Maingueneau, como a interação da linguagem, oral ou escrita, ponto de encontro de opiniões de interlocutores em uma discussão sobre qualquer acontecimento da vida corrente, ou seja, as múltiplas manifestações da troca verbal.



*E ela ia se indo, amarga, sem ter de se despedir de ninguém, tropeçante e cansada. Sem lhe oferecer ao menos qualquer espontânea esmola, vocês a viram partir: o que figurava a expedição do bode – seu expiar. Feia, furtiva, lupina, tão magra. Vocês, de seus decretantes corações, a expulsavam.* Rosa (2001: 186)

A Benfazeja, devido à sua atuação, vê-se obrigada, por aquela sociedade, a ir embora do vilarejo, fato decorrente da má interpretação, por parte dos moradores, do comportamento, segundo o narrador, puro da protagonista, que causa nos habitantes do lugar a felicidade de se verem livres de Retrupé, Mumbungo e de Mula Marmela. O modo como se construiu esta trama lembra uma definição de Aristóteles (S/D: 246) em *A poética*:

*O elemento mais importante é a trama dos fatos, pois a tragédia não é imitação de homens, mas de ações e de vida, de felicidade ou infelicidade, reside na ação, e a própria finalidade da vida é uma ação, não uma qualidade. Ora, os homens possuem tal ou tal qualidade conformemente ao caráter, mas são bem ou mal-aventurados pelas ações que praticam.*

Mula Marmela assume o caráter do Bem, transcendendo a realidade; dando mais valor às suas ações do que a si mesmo; avocando o papel de pessoa lúcida; compreendendo o que ocorre à sua volta, pensando em seus atos, colocando-os sempre de forma a favorecer as pessoas que na vila viviam.

Neste contexto se insere um conceito da Literatura Comparada, o de Influência – segundo Nitrini (1997: 130): *Apontar influência sobre um autor é certamente enfatizar antecedentes criativos da obra de arte e considerá-la um produto humano, não um objeto vazio.* Nota-se na

narrativa rosiana, elementos subsidiando e comprovando a presença desta idéia abordada pela corrente teórica supracitada.

Nitrini (1997: 135) citando Valéry diz que *o ato de criação descarta a idéia de originalidade no sentido absoluto de origem primeira, supondo, ao contrário, um perfeito sistema de digestão, que garante uma impecável assimilação da “substância dos outros”*.

Percebe-se então, uma relação entre influência e mito; ambos possuem, dentre outros, o caráter cíclico, ou seja, de revisitação, adequando-se ao contexto, à cultura e ao momento em que inserem.

Tem-se que a obra de Guimarães Rosa pressupõe, em suas entrelinhas, um dissecamento do comportamento do homem, simbolizado, na escritura do autor, pela figura do sertanejo, um ser que, assim como o mito, possui uma simplicidade de linguagem e, conseqüentemente, uma universalidade de pensamento e compreensão. Tal homem do sertão é habitante de um local, tido para ele, como o centro do mundo, o sertão. Logo, Eliade (1996:39) explicita que: *A criação do homem, réplica da cosmologia, aconteceu igualmente em um ponto central, no Centro do Mundo*.

Para o sertanejo, é no sertão que se encontram seus costumes, sua cultura e crença. No caso de Damázio, a Serra do São Âo e os lugarejos próximos a esta serra são o centro, pois é ali que o protagonista constituiu sua fama, através de seu comportamento e da relação entre o Eu e o Outro.

Segundo Mircea Eliade (1996: 35):

*Todo microcosmo, toda região habitada, tem o que poderíamos chamar um “Centro”, ou seja, um lugar sagrado por excelência. É nesse “Centro” que o sagrado se manifesta totalmente sob a forma de hierofanias elementares – como no caso dos “primitivos”*

*... seja sob a forma mais evoluída de epifanias diretas dos deuses, como nas civilizações tradicionais.*

No que tange a Mula Marmela, este centro está deslocado, pois ela, devido à sua lucidez e por estar em uma outra esfera de conhecimento, transcende-o. A Benfazeja possui uma superioridade de consciência da realidade, percebendo o comportamento das pessoas do local onde morava e o porque elas se portavam assim. Aquele vilarejo tornou-se pequeno para suportar a grandeza dos atos da protagonista, que vai embora, talvez em busca de um outro sertão.

O próprio Guimarães Rosa, em uma entrevista a Günter Lorenz (1992: 32, 33) se diz um sertanejo, *É que eu sou antes de mais nada este “homem do sertão” ... E este pequeno mundo do sertão, este mundo original e cheio de contrastes, é para mim o símbolo, diria mesmo o modelo de meu universo.* O escritor põe então em evidência este caráter universal do sertão e, conseqüentemente, do mito. Pois o sertão também é um lugar onde se vive o mito, onde ele é retomado, com o intuito de dar sentido à vida do homem.

Logo, tem-se alguns pontos que se fizeram fundamentais para a observação das duas narrativas: *Famigerado* e *A benfazeja*. Primeiramente observa-se a importante e indissociável relação existente entre o ser humano e o mito, pois este, por ser um elemento universal, presente em todas as culturas e em todas as sociedades do mundo, leva muitas vezes o sentido à vida do homem. Percebe-se, em seguida, a relevante interdependência da relação interpessoal existente entre o Eu e o Outro – termos bakhtinianos presentes em algumas teorias da Análise do Discurso necessários para que se possa observar e compreender muitos dos comportamentos existentes em uma sociedade. Além disto, nota-se o arcabouço de influências que um texto possui, mostrando o quanto este é carregado de outros textos, deixando antever que não existe uma escritura original, mas sim uma inovação da linguagem. E é nesta característica inovadora que se insere Guimarães

Rosa e sua narrativa, que muitas vezes mostra em suas entrelinhas a preocupação do autor em analisar/dissecar a alma e o comportamento humano.

### **Referências Bibliográficas:**

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 2ª ed. [tradução coordenada e revista por Alfredo Bosi, com a colaboração de Maurice Cunio...et al.] São Paulo: Mestre Jou, 1982.

BAKHTIN, Mikail, FONTES, Martins. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo, Martins Fontes, 1992. (Coleção superior)

BUENO, Francisco da Silveira. *Dicionário escolar da Língua Portuguesa..* 11ª ed. Rio de Janeiro, 1986.

CASSIRER, Ernst. *Linguagem e mito*. Tradução J. Guinsburg e M. Shnaiderman. São Paulo Perspectiva, 1972.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução de Cleonice P. B. Mourão Belo Horizonte, UFMG, 1999. (Humanitas)

COUTINHO, Eduardo F. e CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura Comparada: textos Fundadores*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994.

COUTINHO, Eduardo F. *Guimarães Rosa: seleção de textos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

DROZ, Geneviève. *Os mitos platônicos*. Tradução de Maria Auxiliadora Ribeiro Keneipp. Editora da UnB.

JÚNIOR, João Ribeiro. *As perspectivas do mito*. Pancast editora. São Paulo, 1992.

LORENZ, G. “Diálogo com Guimarães Rosa” In: ROSA, João Guimarães, *Ficção completa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1994, v.1. - p.25-61.

MIRCEA, Eliade. *Mito e realidade*. Perspectiva. São Paulo, 1972.

\_\_\_\_\_, Eliade. *Imagens e símbolos*. Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. Martins fontes. São Paulo, 1996.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do discurso*. Tradução de Cecília P. Souza 3.ed. Campinas, Pontes, 1997.

NITRINI, Sandra. *Literatura comparada: história, teoria e crítica*. São Paulo. Editora Universidade São Paulo, 1997. (Acadêmica)

ROSA, João Guimarães. *Primeiras histórias*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001.